

**Dos mais novos
aos seniores
De Freamunde
a Timor-Leste
Cinco planos
vencedores**

**Caderno especial de 16 páginas
com os melhores trabalhos do
concurso "Vamos fazer um Plano",
para alunos do 3.º ciclo e do secundário**

Vamos fazer um plano O concurso



Planos a três tempos. Aqui cabem passado, presente e futuro

Uma aluna que veio de Díli (Timor-Leste), outra de Freamunde (Paços de Ferreira), um grupo de Alcochete e outro de Olhão. Alunos que se juntaram à distância a partir do Funchal (Madeira). O PÚBLICO foi mais uma vez casa do concurso “Vamos Fazer um Plano” e a equipa do jornal também aprendeu com eles.

Por Carolina Franco (texto) e Daniel Rocha e Miguel Manso (fotografias)

São mais ou menos duas da tarde, a redação do PÚBLICO em Lisboa tem uns quantos lugares vazios. Há quem esteja na pausa de almoço e quem tenha saído em reportagem. É um momento particular: as eleições europeias estão à porta. A secção de Política está muito ativa no site do jornal: reportagens na campanha dos diversos partidos políticos, explicadores com infografias, entrevistas com especialistas... A edição do jornal em papel também tem páginas dedicadas exclusivamente ao tema. Mas no auditório do PÚBLICO o assunto é outro: a presença das artes no Agrupamento de Escolas de Alcochete.

“Hoje em dia toda a gente sabe onde é Alcochete”, diz a professora que acompanha um grupo de seis alunas, Eduarda Adriano. E se é verdade que o lugar de onde vêm tem estado muito presente nas notícias nos últimos tempos, graças ao futuro Aeroporto Luís de Camões, que lá será construído, não é esse tema que as traz a Lisboa. Venceram o concu-

so “Vamos Fazer um Plano”, parceria entre o PÚBLICO na Escola e o Plano Nacional das Artes, com um trabalho sobre a importância de começar desde cedo a ter contacto com a cultura e as artes. Agora encontram-se com a jornalista e coordenadora do PÚBLICO na Escola Bárbara Simões e a diretora de arte do PÚBLICO, Sónia Matos, para um momento muito importante deste concurso: uma mentoria onde revisitam o que foi feito, e que lhes valeu a distinção, e aprimoram aquele que virá a ser o resultado final.

Enquanto ouvem atentamente o que as mentoras têm para lhes dizer, não resistem a ir colocando questões: “O jornalista que escreve depois não vai estruturar o jornal?” E a professora Eduarda explica quase num sussurro, para efeitos de reportagem, que este grupo de alunas do 8.º ano é muito dinâmico. Estão habituadas a fazer perguntas e a provocar o pensamento na escola, até criaram um clube de debate. Quando finalmente veem o seu plano paginado com o grafismo do PÚBLICO, ouve-se: “Está bué giro!” Luciana Maia, de 14 anos, resume

o entusiasmo que todas estão a sentir quando diz que está certa de que “esta é uma experiência que vamos levar para a vida”. Para si, o maior desafio foi “transformar as entrevistas em texto e usar o vocabulário mais adequado”. E tudo no processo tem sido uma novidade: fazer um trabalho jornalístico, calçar os sapatos de repórter, ser editada e ver o trabalho que fez com as colegas publicado num jornal com distribuição nacional.

Além do trabalho deste grupo de alunas, venceram mais quatro, nesta que é a terceira edição de “Vamos Fazer um Plano”: chegam do AE D. António Taipa (Freamunde, Paços de Ferreira), do Conservatório - Escola das Artes da Madeira Eng.º Luiz Peter Clode (Funchal), do AE Dr. Alberto Iria (Olhão) e da Escola Portuguesa de Díli (Timor-Leste). Responderam ao desafio de fazer um plano, trabalho jornalístico de duas páginas, sobre cultura no seu território. Embora o resultado final, hoje publicado, seja o culminar do “Vamos Fazer um Plano”, o processo assume um lugar central neste concurso. É no contacto com a cultura à

sua volta, nas conversas com pessoas que até então não conheciam, na mentoria com jornalistas do PÚBLICO e na revisão do que foi feito que estão as aprendizagens.

Aprender com o que está para trás

Quando a turma do 9.ºE começou a pensar no 25 de Abril em Olhão, Jonas Neto, 15 anos, lembrou-se de uma história parecida que sabia ter acontecido no seu país de origem, o Brasil. Foram ditaduras diferentes, em contextos diferentes, que não duraram sequer o mesmo tempo. Mas Jonas não conseguiu evitar ver semelhanças. Ao fazer este trabalho de pesquisa para a escola, ouviu falar pela primeira vez na Revolução dos Cravos e conheceu quem viveu os tempos que a antecederam. Ao contrário de Jonas, Beatriz Deodato, 16 anos, já estava por dentro do assunto. Não se lembra de um momento na sua vida em que não tivesse consciência do que aconteceu: “Sempre falámos sobre isto, tanto em minha casa como na escola”.

No ano da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, a professora de História, Ana Margarida Santos, levou para a sala de aula uma proposta da Associação de Professores de História e da Comissão Portuguesa de História Militar – perceber “como foi o 25 de Abril, e o período do Estado Novo, na terra deles”. Ao mesmo tempo, a professora responsável pelo PNA na escola, Marília Estriga, sugeriu que participassem no “Vamos Fazer um Plano”. Decidiram pegar no mesmo tema e fazer os dois trabalhos. Para este, focaram-se nas escolas da época e na música de intervenção.

Foram à Universidade Sénior à procura de testemunhos, ouviram professores e o autor do manual de História por que estudam, Francisco Cantanhede. O que mais impressionou Beatriz foi poder constatar as percepções diferentes no mesmo momento histórico. Ouvir testemunhos de “realidades paralelas nos mesmos anos, praticamente”, explica. Houve também outro tema que despertou a sua curiosidade, mas que não teve espaço para investigar: os desaparecidos de Olhão. Pessoas

que foram presas pela PIDE e nunca voltaram a aparecer.

Se os trabalhos da edição anterior do concurso ficaram marcados pela preservação de tradições, este ano parece ter-se enfatizado uma preocupação com a preservação da memória. Não esquecer o que aconteceu no passado para construir o futuro tem sido a base do trabalho de Maria Madeira, artista timorense que serviu de inspiração a Maria Lúcia Guterres, aluna do 11.º ano na Escola Portuguesa de Díli. Depois de ir a uma exposição de outro artista, na delegação da Fundação Oriente na sua cidade, Maria Lúcia regressou inquieta à aula de Filosofia. “Eu e uma amiga vimos uma exposição de um americano que consistia em arte com lixo e era algo fora do normal. Quando dissemos à professora, falou-nos da Maria Madeira, porque são duas perspetivas sobre arte diferentes.”

Com a obra de Maria Madeira houve uma identificação imediata. A reflexão em torno da condição feminina e do legado ancestral de mulheres timorenses tocou Maria

Vamos fazer um plano O concurso



Lúcia: “Quando soube qual era a história do quadro (que abordo no meu plano), fiquei mesmo mal. Depois comecei a pensar sobre a minha vivência toda em Timor e no papel tradicional da mulher”, partilha. E decidiu que mais pessoas deviam conhecer a história e a artista. Quando escreveu uma “reflexão crítica” a partir da análise da obra de Maria Madeira, em Díli, estava longe de imaginar que meses depois faria uma viagem de mais de 20 horas até Lisboa. Mas assim foi: viajou com Flor Gomes, professora de Educação Visual e coordenadora do Projeto Cultural de Escola do PNA. Na redação do PÚBLICO em Lisboa, que curiosamente fica junto ao Museu do Oriente, encontrou-se com a vencedora de Freamunde, a aluna Joana Silva.

A dinâmica da mentoria partilhada foi muito diferente das experiências de outras edições: enquanto um trabalho era analisado, todos comentavam. Quando chegou a vez de Joana, a coordenadora do PÚBLICO na Escola pergunta: “Alguém sabe o que é o



capão de Freamunde?” Embora Joana agora saiba, também não o conhecia antes de ter feito este trabalho jornalístico. Como viria a contar mais tarde, não é uma receita que faça parte das suas memórias da infância ou do recetário familiar. É por isso que tem de deixar claro que está a falar de um prato típico da região e em que consiste. São detalhes destes que Bárbara Simões vai trazendo para cima da mesa, para

No plano anterior: alunas do Agrupamento de Escolas de Alcochete e as vencedoras de Freamunde e Díli, que se encontraram na redação do PÚBLICO

Nesta página: a turma de Olhão e, em baixo, as alunas de Alcochete nas respetivas mentorias

que seja possível melhorar os trabalhos que já eram bons.

“Nada é perda de tempo”

Este ano, apenas os alunos do 1.º ano de Cursos Profissionais no Conservatório - Escola das Artes da Madeira Eng.º Luiz Peter Clode não conseguiram vir até Lisboa. Escreveram sobre a inclusão pelas artes e a mentoria foi feita à distância com a jornalista Lucinda Canelas. Mas a professora Helena Aldinhas não quis perder a intervenção da diretora de arte do PÚBLICO e juntou-se por videochamada aos grupos de Díli e Freamunde. Ao contrário do que acontece nas aulas, no “Vamos Fazer um Plano” arrisca-se primeiro sem grandes conhecimentos e aprende-se depois.

Nas sessões com Sónia Matos, os grupos aprendem as bases de um bom plano através de exemplos do jornal. Com Bárbara Simões e Lucinda Canelas, jornalista do PÚBLICO da secção de Cultura, recebem sugestões do que ainda pode ser feito para que o trabalho fique mais completo – conversar com alguém e citar, regressar a um local para foto-

grafar, verificar informação... Mas o mérito do trabalho é deles, alunos que agarraram o desafio dos professores e se dedicaram a um trabalho além das obrigações curriculares.

Este esforço coletivo, nuns casos, e individual, noutros, foi reconhecido por um júri de que fizeram parte as jornalistas Bárbara Simões e Lucinda Canelas e as coordenadoras intermunicipais do PNA Susana Cabeleira, Susana Silvério e Ana Sofia Vieira.

Na maior parte dos casos, a proposta surgiu por parte da coordenação do PNA em cada escola ou agrupamento de escolas. Todos professores, excepto Nautilio Ribeiro, artista residente do AE D. António Taipa, em Freamunde. Foi na oficina de multimédia que dinamiza na escola que conheceu Joana, e logo lhe reconheceu “muito potencial”. Pela experiência no associativismo cultural, e agora em contexto escolar, garante que “nada disto é uma perda de tempo”. E sem ter lido o plano de Alcochete, corrobora a ideia base desse trabalho: é desde cedo que se deve ter contacto com a cultura e as artes.

Um encontro de namoro

Opinião



David Pontes

“Vamos fazer um plano” é um convite para um encontro de namoro. É uma forma de as artes e os escritórios do jornalismo e os alunos das escolas participantes se sentarem à mesma mesa para se conhecerem melhor e, se os espíritos estiverem alinhados, entrarem numa relação duradoura. Pela terceira vez, fizemos o convite à comunidade escolar para o concurso anual promovido pelo Plano Nacional das Artes e o PÚBLICO e mais uma vez a resposta foi um sim. Deram o passo em frente três dezenas de trabalhos que um júri analisou, para distinguir cinco histórias que vêm de escolas de Díli (Timor-Leste), Freamunde (Paços de Ferreira), Funchal, Olhão e Alcochete.

O resultado vê-se nestes planos de jornal que o leitor agora tem na mão, um encontro entre jornalistas e estudantes que tem dentro de si outros encontros. Desde logo, porque “fazer um plano” é um encontro entre as várias artes do jornalismo impresso, reunindo em duas páginas o texto, a fotografia e o grafismo. Os estudantes das cinco escolas premiadas puderam trabalhar cada uma delas com elementos da redacção do PÚBLICO, fazendo com que as suas histórias ficassem mais apuradas e mais brilhantes.

É o melhor cumprimento para outro encontro inserido neste concurso, o do namoro entre a comunidade escolar e o mundo em volta, utilizando as ferramentas do jornalismo para o perceber e mudar. Uma maneira de procurar e exercer cultura, com a diversidade que pôde ir de “Heroínas Esquecidas” até “As artes à procura de um mundo mais justo e sustentável” (títulos de trabalhos vencedores), vertidos em planos que são exemplos do melhor que o jornalismo escolar é capaz de fazer.

Director do PÚBLICO

Todos estes encontros só são possíveis graças à generosidade dos alunos e dos professores que continuam a entrar-nos pela porta dentro, com uma dedicação e energia que a cada edição renovam a validade da proposta de uma relação permanente entre este jornal e a comunidade escolar, conseguida com a dedicação da equipa do programa PÚBLICO na Escola.

Conosco está o Plano Nacional das Artes, com quem organizamos este concurso nacional, bem como os nossos parceiros no projecto PÚBLICO na Escola, o Ministério da Educação e a Fundação Belmiro de Azevedo. A todo estes intervenientes os agradecimentos são devidos.

Fica o convite final para o leitor, para que encontre na leitura o mesmo prazer que nós tivemos a fazer estes planos. São uma prova de amor entre estudantes e jornalistas, num namoro que tem muito para dar.

Cultura e democracia: o ativismo necessário

Opinião



Paulo Pires do Vale

Porque a democracia é uma metodologia social de partilha do poder, precisamos de modos de intensificar e ampliar a participação dos cidadãos, de escutar a sua voz e as suas escolhas e, nesse envolvimento de muitos, respeitar a diversidade, a multiplicidade - e até o conflito. O campo da cultura, das instituições e políticas culturais, pode ajudar, ou prejudicar, esse processo de emancipação democrático. Nunca é neutro. Assim, é preciso não tratar os cidadãos, a começar pelos mais jovens, como meros consumidores, mas responsabilizá-los neste jogo a que chamamos cultura. Todos somos chamados a ele. Com a entrega, o prazer e a incerteza dos jogos. Com o desejo de criação de um sentido em comum, entre gerações e pessoas muito diferentes. O estilo próprio da democracia cultural é a confiança na inteligência e na

capacidade cooperativa da comunidade.

Para salvaguardar e desenvolver, quer as democracias quer as culturas, é fundamental um compromisso ativista de cada um com o ambiente cultural do seu km2. A nossa pegada - por omissão ou por ação - tem consequências. Somos agentes culturais. Tal como a democracia não é responsabilidade apenas do campo da política, mas de todos os sectores sociais, também a responsabilidade pelos patrimónios, pelas artes e pelas manifestações culturais não é, apenas, de alguns especialistas: exige a participação de todos.

Projectos como este, do Plano Nacional das Artes e do jornal PÚBLICO, ajudam a promover a democracia através do exercício da cidadania cultural, assente na participação e no pluralismo: no deixarmos de “fazer para” (os jovens, os alunos, os cidadãos, os públicos... os consumidores) e passarmos a “fazer com”; na confiança nos mais jovens como agentes de cultura do seu km2; na valorização da multiplicidade de vozes e da sua diferença; na divulgação da cultura como

plural, sem interpretações redutoras de uma pretensa identidade cultural unívoca; sem hierarquização de expressões culturais (hierarquia essa que funciona, tantas vezes, como forma de violência simbólica de determinados grupos sobre outros); sem cair na hipervalorização das identidades específicas, confirmando apenas as expectativas - e os pretensos destinos individuais. A cultura não é, somente, uma forma de cada um se expressar, mas um modo de sair de si, de se colocar no lugar do outro, de o conhecer melhor na sua diferença - para se reconhecer melhor a si mesmo e até descobrir possibilidades de si antes desconhecidas. Assim, a cultura pode indetinar as nossas vidas, abrir o horizonte de possibilidades (o mundo), dilatar a experiência de cada um.

No ano em que celebramos o 50º aniversário do 25 de abril, este concurso lembra-nos que a cultura - no plural - deve ser, com a educação, um laboratório da democracia.

Comissário do Plano Nacional das Artes

A tua escola dá notícias. E nós ajudamos-te a escrevê-las. Faz o teu jornal!

Com o TRUE tens acesso a todas as ferramentas necessárias para o trabalho da tua equipa de jornalistas.

Uma plataforma gratuita e fácil de usar para criares um jornal diferente e de confiança!

Envia-nos um email para true.publiconaescola@publico.pt



PÚBLICO na Escola apoiado por:



TRUE apoiado por:



Vamos fazer um plano Artes

O plano de começar pelo princípio

Os mais novos

Duas experiências, duas maneiras de cativar as faixas etárias mais jovens para o mundo das artes. Um grupo de alunas do Agrupamento de Escolas de Alcochete conta o que está a acontecer. *Por Carolina Margal, Catarina Ferreira e Luciana Maia, 8.º E*

Dos alunos mais pequenos aos do ensino secundário, ninguém tem escapado a esta nova abordagem das artes. Do teatro à pintura, da expressão corporal à música, a arte nas escolas de Alcochete veio para ficar. Com a adesão do Agrupamento de Escolas de Alcochete (AEA) ao Plano Nacional das Artes (PNA), as diferentes manifestações artísticas entraram nas salas de aula. Os mais novos deste Agrupamento de Escolas, que conta com cerca de 3300 alunos, foram desafiados para a dança clássica, o *ballet*.

Com o objetivo de incentivar as

crianças a encontrar a sua forma de expressão corporal, a bailarina Inês Perestrelo, artista convidada da equipa PNA, tem levado o *ballet* a cada uma das turmas do pré-escolar.

Inês começou a dançar *ballet* aos 3 anos. No seu percurso passou pelo Ginásio Clube Português e pela Royal Academy, em Londres. Tem trabalhado com crianças e jovens e adquiriu experiência com crianças com problemas físico-motores e cognitivos. Na sua opinião, a entrada da dança (e, no fundo, a expressão corporal) deve ser alimentada desde tenra idade, porque é aí que se forma e se desenvolve a nossa vocação cultural; quanto mais cedo tivermos

essa consciência, de melhores capacidades dispomos para ir mais além. Para a bailarina, "quanto mais objetivos conseguirmos realizar desde cedo mais felizes crescemos e no, fundo, mais realizados nos vamos sentir". Apesar de trabalhar com alunos de diferentes idades, destaca que as crianças precisam de mais atividades lúdicas desde pequenas, pois têm muita imaginação. E a imaginação precisa de ser estimulada.

Na última semana de aulas antes da Páscoa, fomos espreitar uma aula de *ballet* numa turma de pré-escolar na Escola Básica da Restauração e pudemos ver como, de repente, um grupo de meninas e meninos fazia os



Aula de ballet para alunos do pré-escolar na Escola Básica da Restauração, Alcochete, em março de 2024

3300

Com a adesão do Agrupamento de Escolas de Alcochete, com cerca de 3300 alunos, ao Plano Nacional das Artes, diferentes manifestações artísticas, como teatro, pintura ou música, têm entrado nas salas de aula

passos base e já trabalhava uma pequena coreografia.

Durante cerca de uma hora, crianças de 5 e 6 anos foram desafiadas a imitar animais em diferentes poses, a brincar e a aprender os primeiros passos, tal como os bailarinos. Francisca, de 5 anos, adorou fazer o passo da borboleta. Já Sofia, de 5 anos, e Dinis, de 6, apreciaram mais a pequena coreografia do agradecimento. Quando questionados sobre como se sentiam depois da aula todos disseram que se sentiam calmos e relaxados e que queriam mais!

O *feedback* da educadora Joana Fernandes não foi muito diferente do

dos seus alunos. Disse-nos que ficam calmos e concentrados a fazer as aulas e que estas aulas eram muito importantes, tanto a nível cultural quanto a nível pedagógico.

Em relação ao *ballet* na atualidade, Inês Perestrelo lamenta o facto de este ser considerado um estilo bastante elitista e fechado, o que, desde logo, afasta muitas crianças.

A artista, que já está neste projeto há dois anos, diz estar a gostar muito da parceria com o PNA e de colaborar com o AE de Alcochete, mas defende que estas atividades deveriam acontecer mais vezes e com outra regularidade, para permitir acompanhar a evolução dos alunos.

Associação Andante faz 25 anos

Poesia contra a inércia. "As pessoas estão agarradas ao sofá para tudo"

Entrevista

Eva Mendes, Laura Galante e Marta Gancho, 8.º E

Cristina Paiva Num projeto itinerante, faz-se da poesia um espetáculo para vários públicos, desde tenra idade

Em Alcochete está sediada a Associação Artística Andante, que há 25 anos leva a poesia através dos seus espetáculos a creches, infantários e escolas dos vários graus de ensino. Fomos ao encontro de Cristina Paiva, embaixadora desta companhia de teatro que se dedica exclusivamente à promoção da leitura. Nesta conversa falámos sobre como é ser artista em Portugal e, sobretudo, tentámos perceber a escolha feita por este grupo em trabalhar com os mais novos e como é isto de criar espetáculos que promovam a leitura.

Tendo em conta que vivemos num país onde a oferta e o apoio cultural são reduzidos, o que levou a jovem Cristina a aventurar-se por uma carreira artística?

Bem... quando a Cristina era jovem os apoios culturais ainda eram menores, ainda era mais complicado. Vivíamos num país acabado de sair da Revolução. Acho que me aconteceu o que acontece a todos os artistas. As pessoas que têm essa pulsação para fazer estas atividades, aconteça o que acontecer, mesmo que se vejam obrigadas a fazer outras coisas, acabam sempre por ir lá parar. Acabam sempre por ir ter ali. Eu sempre gostei muito de representar e ainda muito nova comecei a fazer teatro de amadores.

O projeto desenvolvido pela Andante tem as suas particularidades, como o facto de adaptarem os textos poéticos aos vossos espetáculos, em vez de utilizarem os textos dramáticos, e de escolherem as faixas etárias mais jovens como vosso público. Conseguem explicar o porquê destas vossas opções, enquanto artistas, e dizer se são estas opções que vos distinguem e tornam este



Cristina Paiva no espetáculo infantil "Afinal o Caracol"

projeto único?

Eu não sei se este projeto é único... Nós só fazemos isto, nós dedicamo-nos exclusivamente à promoção da leitura. No que toca ao nosso público, temos espetáculos dirigidos desde aos bebés até ao público geral, com pessoas de 80 anos como audiência. Os nossos espetáculos

são constituídos por camadas que têm uma leitura diferente, de acordo com a faixa etária. Estamos convictos de que os nossos espetáculos são para toda a gente. **Para além de apresentarem espetáculos, vocês também trabalham a leitura em voz alta junto dos mais novos. Expliquem-nos como é ter essa experiência e qual a sua importância.** Nós trabalhamos a leitura em voz alta em *workshops* e *ateliers*, às vezes são trabalhos mais prolongados. Quando se abre um livro é uma coisa... infinidade de possibilidades que aquilo tem e sei lá para onde é que aquilo vai, é a cabeça de uma pessoa que viveu há não sei quantos anos e começa a dizer coisas.



Tentar atraí-las para os livros e tentar trazer os melhores textos, [perceber], dependendo dos públicos, o que é mais leve, o que é mais divertido, o que é mais dramático (uma coisa muito dramática pega muito). **Ao longo do tempo, diversos projetos já foram realizados pela Andante. Qual foi o texto, espetáculo ou local que mais a marcou?**

Houve um local que foi bastante impactante para nós, que foi Macau. Fomos fazer o espetáculo "Afinal o Caracol" dentro de

creches com meninos que já tinham ouvido falar português e meninos que nunca tinham ouvido falar português, muitos chineses... e era muito engraçado vê-los a assistir àquilo. Houve um menino chinês que decorou o poema do Fernando Pessoa. Decorou os sons sem saber o que estava a dizer, mas decorou para poder cantar com os amigos, na creche, a história do "Caracol". **Quais são os maiores desafios que os "Andantes" enfrentam no seu dia a dia?**

Devo confessar que os desafios mais monstruosos que nós enfrentamos não são só as artes no geral, mas sim o sofá. As pessoas estão agarradas ao sofá para tudo. Mandam vir a comida do sofá, as compras do sofá, veem as séries na televisão ao invés de irem ao cinema, os concertos no telemóvel ao invés de irem aos concertos. É uma luta gigante essa inércia das pessoas. Outro desafio enorme é a leitura. A leitura é muito mal vista, os leitores são muitas vezes considerados uns totós totais. A leitura é absolutamente essencial numa democracia.

As novas tecnologias também são um ponto muito importante. E este é um combate muito desigual.

Vamos fazer um plano Gastronomia



A "carne nobre", suculenta e saborosa do galo castrado é uma joia culinária da região. Por Joana Silva, aluna do 11.º D no AE D. António Taipa, em Freamunde

O município de Paços de Ferreira, detentor de rica herança cultural e histórica, é conhecido também pela sua expressiva culinária, que preserva tradições ancestrais e encanta paladares. Entre as diversas especialidades gastronómicas que adornam as mesas locais destaca-se, numa determinada altura do ano, o Capão à Freamunde, um prato que se tornou uma verdadeira joia culinária desta região a norte do Porto. Este manjar cativa não apenas pelo sabor da carne do galo castrado, mas também pela sua própria história e tradição.

A preparação do Capão à Freamunde é uma verdadeira arte. Embriagar o capão com vinho do Porto, temperar com sal e limão, mergulhar numa marinada especial à base de vinho branco e vinha d'alhos são alguns dos passos desse processo meticuloso (ver receita completa na página ao lado). Recheado com uma mistura de ingredientes, o capão é assado lentamente no forno, daqui resultando uma carne suculenta e saborosa, com uma pele crocante e dourada. Acompanha-se com batatas assadas e grelos.

Muito mais do que um simples prato, com uma tradição que atravessa gerações, o Capão à Freamunde é celebrado anualmente durante uma semana gastronómica, oportu-

nidade ímpar para saboreá-lo, que tem lugar de 1 a 13 de dezembro e culmina na famosa Feira dos Capões, onde centenas de exemplares vivos são comercializados ano após ano.

O concurso para eleger o melhor restaurante na preparação deste prato é um dos pontos altos desta Semana Gastronómica do Capão à Freamunde. Na mesma altura, um outro concurso escolhe o melhor animal vivo (ver textos na página ao lado).

Como parte das celebrações dos 300 anos do Capão à Freamunde, foi entretanto criada a Bienal do Capão de Freamunde, uma iniciativa que visa recriar tradições e costumes relacionados com este prato emblemático. Organizada pela Junta de Freguesia de Freamunde e diversas



A forma como os animais são criados, acompanhados e alimentados resulta numa carne com características amplamente elogiadas

associações locais, homenageia a rica herança gastronómica da região. Teve a sua primeira edição em setembro de 2019.

Também a Associação de Criadores de Capão desempenha um papel fundamental na preservação e promoção do Capão à Freamunde, garantindo a qualidade e autenticidade deste produto tão especial. Além de oferecer apoio técnico aos criadores, esta associação promove eventos e feiras que destacam a importância deste ícone gastronómi-



co, apreciado e reconhecido bem além da zona onde é produzido.

Certificação e reconhecimento internacional

A 28 de maio de 2015, o Capão à Freamunde recebeu a certificação de Indicação Geográfica Protegida (IGP) pela Comissão Europeia, tornando-se oficialmente reconhecido como um património gastronómico de valor inestimável. Esta certificação atesta a qualidade e autenticidade deste prato tradicional, contribuindo para a sua internacionalização e promoção turística.

"O Capão de Freamunde é o *ex-libris* da freguesia de Freamunde. Nesta freguesia e zona envolvente vigora desde longa data o costume de castrar o galo ainda jovem para o tornar mais anafado e macio. Sabe-se que o hábito de capar aves e de as comercializar é muito antigo e, desde a Idade Média, era praticado na freguesia denominada na época de 'Salvador de Friamunde' – lê-se no site da Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, na parte dedicada aos produtos tradicionais portugueses (<https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/carne/carne-de-aves/591-capao-de-freamunde-igp>).

E continua: "O capão de Freamunde é, por tradição, consumido nos meses de inverno e constitui uma referência nos hábitos alimentares da zona de produção, atingindo o seu máximo durante a época natalícia. Nesta época é também oferecido como prenda, o que atesta o importante valor simbólico deste produto para as pessoas da região."

Com o seu sabor inconfundível, continua a encantar aqueles que têm o privilégio de o saborear.

Vencedor do concurso "Capão Vivo 2023"
"A criação de um capão até à sua maturação leva cerca de cinco meses"

Na primeira pessoa

António Augusto Todos os cuidados são poucos na criação destes animais, castrados aos 3 ou 4 meses

"As novas gerações não estão habituadas a estas coisas de criar o capão, porque o capão é um produto de Freamunde e da região já há muitos anos e era importante que as novas gerações pudessem olhar para esta 'tradição' como uma oportunidade também.

A criação de um capão até à sua maturação leva cerca de cinco meses. Compramos os pintos com três semanas, depois disso são tratados com muito cuidado na sua alimentação, com muita água e pão, até ao período de um mês. Comem então milho em farinha até terem três meses. A partir daí, passam a uma segunda fase do processo e começam a comer milho, pão sempre, muita

Proprietário do premiado Restaurante Areia

"Na preparação e tempero, há sempre um toque pessoal do chef"

Na primeira pessoa

Ricardo Oliveira Fica em Paços de Ferreira o restaurante distinguido, em 2023, pela forma como confeciona o capão

"Na preparação e tempero do capão, há sempre um toque pessoal do chef nos ingredientes

escolhidos, nomeadamente no tempero, como por exemplo vinho do Porto e whisky, entre outros

hortaliça. Temos de ter muitos cuidados com a higiene e as questões climáticas, para não sofrerem doenças. Quando atingem os três meses ou 3,5kg de peso, passa-se ao processo de castração do galo, período que pode ir até aos quatro meses, se não atingirem o peso ideal. Depois da castração, o animal é alimentado com ração, com pão e muita água até pesar 4,5kg, o que coincide com os cinco meses, em média. Durante este processo, todos os nossos galos e capões são acompanhados e controlados, todos os meses, por uma veterinária, pois temos de cumprir todos os requisitos de saúde animal e sanitária."



E que tal experimentar?



Ingredientes:

Capão; vinho branco; sal q.b.; limão; alhos; vinho do Porto; azeite; pimenta ou piri-piri; cebolas; manteiga ou gordura animal; farófia; salpicão; presunto

Embriga-se o capão, com um cálice de vinho do Porto, e passada meia hora mata-se, depena-se, abre-se e lava-se. Depois de estar em água fria com rodela de limão, cerca de uma hora, põe-se a escorrer e mergulha-se em "vinha d'alhos", ficando assim 24 horas. No dia de o consumir, põe-se ao lume uma caçarola com azeite, gordura de porco e cebolas às rodela. Quando a cebola está estalada, deita-se uma boa colher de sopa de manteiga, meio quartilho (2,5 dl) de vinho branco e vinho do Porto e sal q.b.. Escorre-se o capão, esfrega-se todo com este novo molho. Antes de meter no forno recheia-se com o seguinte picado refogado: azeite, cebola, alho, miúdos do capão, presunto, salpicão, chouriço de carne, carne de vaca, vinho branco, piri-piri, louro, salsa, etc. Depois de guisado é passado e bem misturado com "farófia" no resto do molho de guisar, para ligar bem. Enche-se a barriga do capão e cose-se. Coloca-se na "pingadeira" de barro e leva-se ao forno a assar lentamente (cerca de 3h), coberto com papel de alumínio, para não queimar de mais. Deve picar-se com um garfo de vez em quando, ao mesmo tempo que se rega com o molho da assadeira e vinho do Porto. A operação de picar com o garfo deve ser cuidadosa, para não ferir a pele, que deve ficar estalada e loura. Meia hora antes, tira-se o papel para alourar. Acompanha-se com batatas assadas e grelos.

Capão à Freamunde, uma das "receitas típicas" divulgadas pela Câmara Municipal de Paços de Ferreira no seu site. Foto cedida pela Unidade de Comunicação e Imagem do Município de Paços de Ferreira

Vamos fazer um plano Futuro



As artes à procura de um mundo mais justo e sustentável

Os alunos do 1.º ano dos cursos profissionais do Conservatório da Madeira juntaram-se ao Serviço de Psicologia e Orientação e à Biblioteca das Artes para refletir sobre o papel da arte na sociedade, sobre as melhorias que pode levar à vida das pessoas, sem que ninguém fique para trás. Ouvi-los - só com o nome próprio - é uma lição



As fotografias, exceto a que mostra a casa do conservatório madeirense, foram feitas com o contributo dos alunos, para alertar para a importância da preservação da natureza



Com a passagem para o novo milénio, os Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) propuseram-se alcançar oito ambiciosos objetivos que ficaram registados na Declaração do Milénio. Os resultados conseguidos, e divulgados no Relatório de 2015, mostraram que este esforço conjunto foi o mais bem-sucedido da história.

Diversos países do mundo trabalharam em conjunto para reduzir a pobreza, promover a educação, a igualdade de género ou a esperança média de vida e contribuíram para um planeta mais inclusivo e sustentável. O compromisso foi reforçado por 193 países da ONU e, a partir de 2016, entrou em vigor a Agenda 2030, para alcançar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os ODS passaram a ser um apelo universal à ação para promover a prosperidade, proteger o planeta e garantir o bem-estar de todos, agora e no futuro, através da colaboração entre os governos, o setor privado e os cidadãos. A divulgação da Agenda 2030 tem orientado políticas, programas e investimentos em todo o mundo, direcionados para um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável. “Não deixar ninguém para trás” é o mote que tem contribuído para criar uma linguagem comum a todos os envolvidos.

A partir do desafio lançado pelo Plano Nacional das Artes (PNA) e o jornal PÚBLICO, usando o “Jornal como recurso pedagógico”, alunos do 1.º ano dos Cursos Profissionais de diferentes Artes Performativas do Conservatório - Escola das Artes da Madeira Eng.º Luiz Peter Clode refletiram sobre a “Inclusão e Sustentabilidade nas Artes”.

O projeto traçado, que envolveu alunos de teatro, dança, música, animação e multimédia, visou desenvolver a literacia mediática nesta comunidade escolar e refletir sobre as temáticas da inclusão e da sustentabilidade e de como as artes podem ajudar a promover a consciência de que é necessário trabalhar as duas no contexto atual, especificamente no mundo artístico.

A criação, como elemento gerador de pensamento e espaço de liberdade, assume um papel importante no desenvolvimento humano e na educação. A arte pode ser entendida como ferramenta para transformação social, para a inclusão e o desenvolvimento comunitário. Pode ampliar a consciencialização socio-ambiental e estimular a criatividade e o pensamento crítico em relação aos desafios e soluções ambientais. A educação artística impulsiona o pensamento crítico para analisar conscientemente a informação que nos rodeia e ajuda a fazer dos alunos

cidadãos livres, que sabem tomar decisões.

Inclusão pela música

Através da música as pessoas podem encontrar uma linguagem comum que transcende as barreiras culturais e sociais, promovendo a união e a compreensão mútua, defende Simon, um dos alunos do Curso Profissional de Instrumentista. Oferecendo oportunidades para a expressão criativa e uma participação ativa, a música contribui para capacitar pessoas de diversas origens, promovendo um sentimento de pertença e inclusão. Por outro lado, “pode ser usada como uma ferramenta educativa, de forma a inspirar mudanças de comportamento e atitudes”, dizem Sara e Ana. Letras de músicas que abordem temas como a igualdade, a diversidade e a preservação do meio ambiente podem aumentar a consciencialização e inspirar ações positivas para um futuro mais justo e equitativo.

O teatro ao serviço da comunidade

O teatro é um espaço em que diferentes vozes e experiências podem ser partilhadas, construindo-se pontes entre comunidades diversas. A criação de peças inclusivas, que abordem questões sociais e ambientais, leva a que o teatro aumente a consciencialização, mas também promova a empatia e a compreensão mútua, diz Linda, uma das estudantes do Curso Profissional de Artes do Espetáculo - Interpretação. “As performances de teatro podem, ainda, inspirar ações concretas para a construção de um mundo mais justo”, acrescenta o colega Guilherme.

A encenação de peças que abordem questões sociais e que representem grupos marginalizados podem também alertar as pessoas para realidades que passam ao lado de muitos ou até para comportamentos individuais que, sendo evitados ou combatidos, tornam melhor a vida de cada um, mas também das comunidades.



[A inclusão] é um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos, numa determinada sociedade

Noam Aluna do Curso Profissional de Artes do Espetáculo - Interpretação

Quando cumpre adequadamente a sua função, para além de entreter e de fazer pensar, o teatro proporciona um espaço para todos, onde é possível estreitar laços entre diferentes grupos e incentivar o público a envolver-se em iniciativas que levem à mudança social, capazes de contribuir para a construção de um mundo mais justo, com igualdade de oportunidades, sem que haja distinção entre pessoas em função do lugar onde nasceram, da língua que falam ou da sua condição económica.

O poder da dança

Se a música e o teatro ajudam a trabalhar a mobilidade social, a inclusão e até a sustentabilidade, a dança também. Para as alunas que a praticam, esta arte tem o poder de unir pessoas de diferentes origens e culturas, criando um sentido de comunidade e pertença.

Eventos de dança inclusiva, que apelam ao envolvimento de todos, independentemente da condição física ou grupo socioeconómico, promovem a inclusão e a diversidade. Também as coreografias podem transmitir mensagens fortes sobre questões ambientais, conquistando atitudes positivas para a redução de emissões de carbono e contribuir para outras práticas quotidianas mais sustentáveis.

Para levar mais longe este desejo de mudar mentalidades através do movimento, Ana, que é aluna do Curso Profissional de Intérprete de Dança Contemporânea, sugere que se estabeleçam “parcerias entre escolas, a comunicação social e os governos para que, de maneira simples e divertida, se encontrem soluções em conjunto” para resolver os problemas sociais. Essas parcerias, acrescenta Sumag, deviam envolver também o setor privado das mais variadas áreas, para melhor “mobilizar recursos, partilhar conhecimentos e promover a cooperação”.

A dança, diz ainda Camila, consegue até ajudar a tornar “mais justas e pacíficas” as comunidades em que vivemos, porque contribui para o fortalecimento das relações entre as pessoas. E quando as pessoas se unem para cuidar dos que as rodeiam o mais natural é que as instituições que fazem parte dos seus bairros ou cidades se tornem mais próximas.

Explorando o cinema

Também o cinema, espelho da sociedade, pode ser um agente de mudança, dizem os alunos dos Cursos Profissionais de Técnico de Multimédia e de Técnico de Animação 2D e 3D. Para isso basta que estimule a reflexão e o diálogo sobre os desafios que ela enfrenta. Ao retratar personagens diversos e histórias que celebram a diversidade, o cinema desafia estereótipos e promove uma maior

compreensão entre diferentes grupos sociais, de acordo com Emanuel.

Por meio de narrativas envolventes e imagens poderosas, o cinema estimula a reflexão e o diálogo à volta dos desafios enfrentados pela sociedade, levando o público a promover iniciativas que ajudem as pessoas a vencer obstáculos e a ganhar competências para ultrapassar os seus problemas, argumentam Carolina, Paula e Sara. Já Emanuel, Matilde e Jackelin, por seu lado, são da opinião que “os filmes têm o poder de influenciar atitudes e comportamentos”, sendo um dos veículos ideais para sensibilizar as pessoas para as dificuldades que muitos atravessam.

Capaz de “influenciar a opinião pública”, ainda segundo Matilde, o cinema está em condições de contribuir para “incentivar a adoção de políticas que levem a práticas responsáveis” e “educar para alternativas quotidianas mais conscientes e equilibradas”, acrescenta Jackelin. Elisa, Margarida e Anabel concretizam, dando como exemplo os vídeos de divulgação em que organizações locais, nacionais ou internacionais mostram o trabalho que desenvolvem.

Um mundo melhor

Pelas artes podemos educar, inspirar e mobilizar ações para construir um mundo em que todos sejam mais felizes, isto porque a dança, o teatro, a música e o cinema desempenham papéis igualmente importantes na promoção da inclusão e da sustentabilidade, defendem os alunos envolvidos neste projeto.

Através das artes, garantem, podemos unir pessoas de diferentes origens e preparar comunidades para enfrentar desafios globais. Tudo porque elas são, nas suas mais diversas formas, expressões da criatividade, mas também ferramentas poderosas para impulsionar mudanças positivas em direção a um futuro mais justo, a um mundo melhor.

As fotografias resultaram de um projeto de inclusão e sustentabilidade realizado pelos alunos em prol de uma IPSS local. Todos os alunos de teatro, dança, música, animação e multimédia se envolveram na criação de imagens e cartazes, com o objetivo de chamar a atenção para a necessidade de preservação da floresta laurissilva, reciclando papel. O papel reciclado, por sua vez, foi entregue à IPSS, que o trocou por alimentos, mais tarde entregues a famílias carenciadas da ilha da Madeira.

Vamos fazer um plano Memórias

A vida em Olhão (e no país) antes de 25 de Abril de 1974

Como eram as escolas antes da Revolução? O que recordam hoje esses “miúdos” que já são avós? As respostas foram dadas num encontro de gerações. *Pela turma do 9.º E da Escola Básica Dr. Alberto Iria, em Olhão*

À semelhança de qualquer localidade portuguesa, Olhão viveu os momentos menos democráticos da História do país. Para ficar a conhecê-los melhor, os alunos da turma 9.ºE da Escola Básica Dr. Alberto Iria realizaram, durante o 2.º período, nas disciplinas de História e Português, um trabalho baseado em entrevistas a um grupo de alunos da Universidade Sénior desta cidade. Os alunos seniores, uns nascidos em Olhão, outros em Lisboa, em Angola ou noutras antigas colónias portuguesas e agora residentes na

cidade, partilharam algumas das suas experiências durante o Estado Novo, deixando os oriundos de África muita coisa por contar, “histórias difíceis” que preferiram manter guardadas. Entre as vivências agora recordadas, na altura em que se celebram os 50 anos da Revolução dos Cravos, incluem-se, por exemplo, a existência de escolas diferentes de acordo com o sexo de quem as frequentava, maneiras de vestir, rituais de enamoramento e convivência social. Para além das entrevistas aos alunos da Universidade Sénior de Olhão, foi também feito um trabalho de pesquisa, nomeadamente nas redes

sociais que disponibilizam fotos do passado da cidade algarvia, como é o caso da página de Facebook ‘Olhão Antigo’. **E de um plano nasceram outras coisas** De toda essa pesquisa, que passou ainda pelo visionamento de filmes e documentários, resultou a elaboração de notícias sobre algumas temáticas – a escola, jogos e divertimentos juvenis, prisão e censura –, para publicar mais tarde. Desta forma, pudemos contactar com uma realidade completamente



CORTESIA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE OLHÃO



CORTESIA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE OLHÃO



diferente da que se vive hoje em dia e depois dar dela conta num jornal, abordando temas como, por exemplo, a música que se fazia na época e que estava sujeita, como qualquer produção cultural, à censura. Da experiência de contacto com diversos moradores da cidade, três deles professores já reformados, retiveram-se, a nível mais genérico, experiências muito diferentes. Foi possível perceber que, se é verdade que há quem tivesse passado pela ditadura quase sem dar por ela, sem pôr em causa o abuso de poder das autoridades e a falta de liberdades, outros houve que não baixaram os braços e que fizeram o que estava ao seu alcance para a combater, chegando a ver familiares presos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Foi precisamente a ação desta polícia política na cidade que chamou a atenção de alguns alunos, que quiseram saber mais sobre os três homens que ali foram presos pela PIDE e que acabaram por desaparecer. Idalécio Soares conta, no livro *Vítimas da Ditadura no Algarve: três casos, três histórias subtraídas ao esquecimento*, que consultaram, a história destas vidas interrompidas pelo regime a que a revolução de Abril pôs fim há 50 anos.

Alunos e alunos da Universidade Sénior de Olhão entrevistados pelo grupo do 9.º E que preparava o seu plano

Olhão noutros tempos. Coleção fotográfica do Município de Olhão - Arquivo Municipal de Olhão



FOTOS: MARILIA ESTRIGA



Testemunhos na Universidade Sénior

De tudo isto nos foram falando os alunos da Universidade Sénior que, no início de fevereiro, nos receberam e nos deixaram registar os seus testemunhos:

“Existiam duas escolas: escola das meninas e escola dos meninos.”

“Havia uma separação durante as aulas, mas cá fora obviamente que o pessoal se encontrava.”

“As carteiras eram duplas e as classes eram por filas: uma fila, 1.ª classe; outra fila, 2.ª classe... 3.ª e 4.ª. E só uma professora.”

“As senhoras professoras tinham de pedir autorização ao Ministério da Educação para poderem casar-se. E com um homem que tivesse um rendimento igual ou superior, que era para não viver à conta da professora.”

“Na altura, tínhamos muito respeito pelos professores. Havia um respeito imenso. Quando o professor entrava, todos se levantavam. E só nós sentávamos depois de ele se sentar. E estávamos todos de bata, que tinha se ser pelo joelho [não podia ser mais curta].”

“Mas o facto de estarmos de bata permitia uniformizar [o aspeto de quem se vestia de forma completamente diferente], dentro de uma sala de aula com 45 alunos. O que contava ali era a cara e o saber, não era a roupa.”

“Há uma coisa... Eu não vivi aqui em Olhão [na infância], mas penso que era generalizada no país: nas cantinas, o óleo de fígado de bacalhau! Foi uma coisa que marcou gerações. Aquilo era horrível, era obrigatório tomar um bocadinho daquilo às refeições.”

“Vocês hoje podem falar à vontade, mas dantes não se podia dizer nada contra o Governo.”

“Nunca queiram viver num país em que não se pode votar.”

— De que tinham mais medo? “Da PIDE.”

“Ó Vila de Olhão”, de José Afonso

No período do Estado Novo, havia músicas que eram proibidas em Portugal, pois considerava-se que as letras transmitiam mensagens contra o regime. Várias músicas foram censuradas. Foi o que aconteceu com “Ó Vila de Olhão”, de José Afonso, censurada em 1964 e ainda hoje por alguns referida como hino de Olhão. Em 2020, a editora discográfica Valentim de Carvalho disponibilizou pela primeira vez o disco *Cantares de José Afonso*, que inclui esta canção, nas plataformas digitais.

**Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não**

**Quem te pôs assim
Mar feito num cão
Foi o tubarão
Foi o tubarão**

**Com papas e bolos
Engana o burlão
Os que de lá são
E os que pra lá vão
E os que pra lá vão
E os que pra lá vão**

**Mulher empregada
Diz o povo vão
Que aquela empreitada
Não dá nada não**

**Ó flor da trapeira
Ó rosa em botão
Tuas cantoneiras
Bem bonitas são**

**Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não**

**Larga ó pescador
O que tens na mão
Que o peixe que levas
É do teu patrão
É do teu patrão
É do teu patrão**

**Faro é uma cidade
Vila é uma prisão
Pra quem nela mora
Não há outra não**

**Limpa o teu suor
No camisolão
Que o peixe que levas
É do cais de Olhão**

**Ó pata descalça
Deixa-me da mão
Que os da tua raça
Já não pedem pão**

**Vem o mandarim
Vem o capitão
Paga o pagador
Não paga o ladrão**

**Passa mais um dia
Todos lembrarão
Passa mais de um ano
Que morreste Olhão**

**Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não**

**Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não**

In “José Afonso, Obra Poética”, ed. Relógio D’Água, 2022



Vamos fazer um plano **Reflexão crítica**

Timor-Leste

Heroínas esquecidas

A obra de uma artista timorense serve como ponto de partida para lembrar o papel vital sempre desempenhado pelas mulheres, bem como os desafios que ainda se colocam à emancipação e à promoção da igualdade de género no país. *Por Maria Lúcia Guterres, aluna do 11.º ano na Escola Portuguesa de Díli*

Em Timor-Leste, durante a ocupação indonésia, também as mulheres se sacrificaram, lutando pela independência do país. No entanto, hoje em dia, continuam a não ser devidamente reconhecidas e ainda enfrentam preconceito e discriminação no quotidiano. O seu papel, na maioria das vezes, foi subestimado e negligenciado nas narrativas históricas. Algumas combateram; muitas outras prestaram apoio na retaguarda, como mensageiras, estafetas e enfermeiras de combatentes doentes e feridos; e a grande maioria atuou na resistência clandestina, no seio do próprio inimigo, nas aldeias, vilas e na cidade de Díli, garantindo o sustento do movimento de resistência.

Maria Madeira, uma artista timorense internacionalmente reconhecida, retrata nas suas obras a luta, o sacrifício e a experiência amarga das mulheres timorenses durante a ocupação indonésia, abordando temas como a opressão, emancipação e resiliência feminina na busca pela independência do país, declarada em 2002. Na sua obra *Kiss and Don't Tell*, “Beija e Não Fales”, em português, a artista representa uma situação verdadeira da guerra: os militares que violentavam as mulheres obrigavam-nas a pôr batom e a “beijar” a parede, na qual os lábios ficavam impressos, como um carimbo, para que os violadores pudessem contabilizar o número de violações por si cometidas e vangloriar-se dos seus “feitos” entre os seus pares. Este quadro serve como um lembrete das atrocidades

sofridas pelas mulheres timorenses durante a guerra.

Afirma a pintora, citada, em janeiro de 2024, pelo *website* informativo “Diligente”: “No passado, enquanto os homens usavam armas, nós usávamos o nosso corpo para lutar. Isto é o meu foco na Bienal de Veneza”. A notícia, assinada por Antónia Martins, tem como título “Maria Madeira destaca a luta das mulheres timorenses na Bienal de Veneza”, na qual participa este ano (<https://www.diligenteonline.com/maria-madeira-destaca-a-luta-das-mulheres-timorenses-na-bienal-de-veneza/>).

O foco na emancipação feminina visa aumentar a consciencialização da desigualdade de género e promover a defesa dos direitos das mulheres, numa sociedade em que a tradição mantém uma influência muito

forte. A arte pode ser uma ferramenta para a mudança social, permitindo que vozes marginalizadas sejam ouvidas e que questões sociais sejam abordadas.

Investir na instrução das mulheres

As mulheres timorenses têm historicamente desempenhado (e continuam a desempenhar) um papel vital em vários aspetos da sociedade, contribuindo para a economia e participando no desenvolvimento da nação. Porém, apesar dos progressos alcançados nalgumas áreas, como na representação política, ainda persistem desafios em relação às oportunidades económicas e às expectativas sociais, que podem limitar a plena participação e o empodera-

mento das mulheres. Socialmente, mesmo que uma mulher timorense tenha um emprego, ainda se espera que cumpra as tarefas domésticas e cuide da família, pois o homem foi sempre considerado o único a prover o sustento do lar. Esta visão limita as oportunidades, caso as mulheres queiram prosseguir os estudos e investir numa carreira profissional. Muitas vezes, por não terem instrução nem conhecimento, acabam por se sujeitar a qualquer situação e a acomodar-se ao papel que a sociedade lhes reserva.

Os esforços para promover a igualdade de género em Timor-Leste requerem uma abordagem multifacetada, que abarca normas sociais, quadro jurídico, oportunidades económicas, acesso à educação... Ao fomentar um ambiente que valoriza a diversi-



Kiss and Don't Tell, de Maria Madeira, representa uma situação verdadeira da guerra: os militares que violentavam as mulheres obrigavam-nas a pôr batom e a “beijar” a parede, o que permitia contabilizar as violações



dade, a inclusão e a igualdade de direitos para todos os indivíduos, o país pode continuar a sua jornada rumo a uma sociedade mais equitativa, onde as mulheres tenham oportunidades iguais para prosperar. Quando se investe na educação da mulher, investe-se no futuro da família e da nação. O lema em tétum é “Feto forte, *nasaun* forte”, ou seja, traduzindo, “Mulher forte, Nação forte”. Acrescentaria mais um: “Feto matenek, *nasaun* matenek” – “Mulher instruída, nação instruída”.

Atualmente, há quem ponha em causa o casamento tradicional timorense – *barlake* –, olhando para a “perspetiva estrangeira” que diz que a mulher é trocada por dinheiro e animais. É uma perspetiva redutora, tendo em conta que esta tradição é uma aliança de dois clãs, com o obje-

tivo de dignificar a mulher, promover o respeito a interajuda e a unidade entre as duas famílias e respetivas linhagens: a de quem “dá” e a de quem “recebe” a esposa. Esta regra não se quebra com a vinda de novas gerações, isto é, o clã dador de esposa mantém-se e o clã do marido também, os papéis não se invertem. Se alguém quebrar esta regra, o casal é ostracizado pelas duas famílias, não participando em qualquer ritual dos dois clãs, seja funeral ou casamento. O casal infrator passa a ser considerado “bruxo”.

Barlake, o casamento tradicional

No processo do casamento, há troca de dotes: a família que recebe a esposa dá à outra família búfalos, cavalos,

espadas e discos de ouro, conforme acordado em inúmeras reuniões prévias; a família que “liberta” a esposa, em troca, dá porcos, *tais* (panos tradicionais) e sacas de arroz. Depois de concluído o processo – a família que recebe a esposa tem de cumprir com o acordado –, a família deixa sair a sua filha com um *morteen* (colar tradicional) ao pescoço. E a noiva só ergue o *morteen* se a família que a vai acolher não falhar no estabelecido.

Contudo, a pressão para satisfazer as exigências exorbitantes do *barlake* pode levar à instabilidade financeira e até à violência nos casamentos. Há casos em que, quando ocorre agressão física da parte do marido, este justifica-se dizendo que “está a bater nos seus búfalos”. Essa visão distorcida de “comercialização da mulher”, considerando-a como uma “proprie-

“

Acredito que a solução não seja anular completamente a tradição, antes tentar encontrar um equilíbrio, mantendo a cultura ancestral viva, mas adaptando-a ao contexto social atual

dade”, é um terreno fértil para a violência doméstica. E há quem use e abuse da tradição para “fazer negócio”, exigindo bens materiais, como búfalos ou elevadas quantias de dinheiro à família recetora, para, por exemplo, funerais de um ente querido do clã de origem da esposa.

Ainda segundo o “Diligente”, Maria Madeira sente que, “mesmo depois da restauração da independência, as cidadãs do país permanecem presas à cultura, sendo que a maioria delas nunca é dona de si própria. Antes de se casar, [a mulher] é propriedade do pai, dos tios e dos irmãos. Depois de contrair matrimónio, passa a pertencer ao marido e à família dele”.

Pessoalmente, acredito que a solução não seja anular completamente a tradição, antes tentar encontrar um equilíbrio, mantendo, assim, a cultura ancestral viva, mas adaptando-a ao contexto social atual. Reconheço a importância da tradição, porém é necessário reduzir as despesas excessivas nos rituais de *barlake* e nos funerais ou outras cerimónias, que prejudicam as finanças familiares. Os costumes matrimoniais tradicionais têm um valor histórico e cultural. Embora esta tradição seja um meio e uma forma de unir as famílias e honrar as mulheres, algumas das suas consequências negativas na dinâmica familiar e no bem-estar individual justificam uma análise crítica, promovendo discussões em torno da igualdade de género e da importância do consentimento nas relações.

A sensibilização para a igualdade de género começa dentro de casa, depois na sociedade, contribuindo, assim, para o progresso nacional. Se não fosse pelas mulheres, o que seria da nação forte? No fim de contas, toda a mulher timorense é uma heroína!

Educamos hoje, transformamos o amanhã

Na Sonae, acreditamos no poder da educação. Na sua capacidade de transformar e de construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por isso, lideramos e apoiamos o desenvolvimento de projetos que promovem o acesso e a qualidade da educação em todas as fases do ciclo de aprendizagem, através de parcerias estratégicas. É com esta motivação, e reconhecendo o poder da informação, que a Sonae se volta a juntar ao Jornal Público e ao Plano Nacional das Artes, atribuindo a alunos de todo o país uma porta de acesso para um mundo em constante mudança.

Juntos, criamos hoje um amanhã melhor para todos.

